

A REFERENCIALIDADE NEGRA NA HISTORIOGRAFIA DO TEATRO BRASILEIRO

WESLEY GOULART COITINHO¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – wescoitinho@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar a importância da referencialidade negra na historiografia do teatro brasileiro. A pesquisa está em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) e é intitulada *Arthur Rocha, a negra voz protagonista na historiografia do teatro brasileiro* (2023), orientada pela Prof^a. Dr^a. Larissa Patron Chaves na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética. Ao longo da pesquisa, apresenta-se Arthur Rocha (1859 - 1888) um homem negro da cidade de Rio Grande, que durante o século XIX utilizou de sua plataforma enquanto dramaturgo para defender a abolição da escravidão por meio de seus textos dramáticos e atuando como jornalista em diversos folhetins.

2. METODOLOGIA

Os referenciais utilizados neste trabalho foram encontrados em dissertações de mestrado e doutorado, artigos e livros. Um dos conceitos presentes na pesquisa, é o de epistemicídio de Sueli Carneiro (2005). Ao longo de sua pesquisa, Carneiro (2005), ressalta que o genocídio contra a população negra “acabou”, mas que a produção de sentidos, produção cultural, acesso a uma educação gratuita e de qualidade, é negado a essa população em diariamente e que isso caracteriza o epistemicídio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Arthur Rocha foi um homem negro que trabalhou como dramaturgo, jornalista, ator e funcionário público que enquanto autor teatral escreveu mais de 10 peças, entre elas *O filho bastardo* (1876) e *A filha da escrava* (1884). Apesar de ser um homem negro no Sul do país durante o período escravista, Rocha se destacou na sociedade gaúcha como um dos grandes nomes do período, respeitado por figuras como Apolinário Porto-Alegre e Joaquim Alves Torres, ainda sim, seu nome não é mencionado na historiografia do teatro brasileiro ou do teatro no Rio Grande do Sul. O primeiro trabalho focado na obra do dramaturgo surge apenas em 2009 com a dissertação *Abram-se as cortinas: representações étnico-raciais e pedagogias do palco no teatro de Arthur Rocha* de Isabel Silveira dos Santos. Em 2018 tem a dissertação *Teatro e escravidão: a poética abolicionista na dramaturgia de Arthur Rocha* de Renata Romero Gerales. Mais recente, em 2022 foi publicado o livro *Teatro e escravidão no Brasil* de João Roberto Faria que no capítulo sobre o Rio Grande do Sul, menciona um dos textos dramáticos de Rocha.

A falta de menções a artistas e grupos negros de teatro é sentida ao longo dos séculos, em alguns livros percebemos que geralmente o primeiro grupo dos teatros negros mencionado no que tange ao chamado por eles de “teatro negro”, é o Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias Nascimento, vez ou outra se encontra menções a outros grupos. No caso do *Dicionário do teatro brasileiro* (2009), temos uma menção a Companhia Negra de Revistas (CNR), ao Teatro Folclórico Brasileiro (TFB) e ao Teatro Popular Brasileiro (TPB), de Solano Trindade, todavia são simples nomeações a existência dos grupos. Para os organizadores do livro, não é importante caracterizá-los enquanto pessoas, dar uma face e um nome aos seus componentes, a simples menção a sua existência cumpre com sua função. Podemos considerar como um genocídio epistêmico ou um epistemicídio, o qual segundo a filósofa Sueli Carneiro (2005), se relaciona com o sufocamento da produção de conhecimento e cultura dos povos dominados através do sucateamento dos meios de acesso a educação e em diversos momentos a negação ao direito de estudar, inferiorização da produção de cultura etc.

Existe uma relação entre o epistemicídio conceituado por Sueli Carneiro e a presença de artistas negros nos livros de história do teatro brasileiro. No século XIX, após a chegada da coroa portuguesa ao Brasil, a compreensão da sociedade (branca) brasileira sobre os artistas de teatro mudou completamente. Até 1808 o teatro brasileiro era dominado por negros alforriados e escravizados que eram obrigados a se apresentar diante de seus senhores em datas comemorativas e posteriormente nas casas de óperas. Por conta dessa presença majoritariamente negra, a profissão de ator era considerada uma profissão de “vagabundos”. Assim se estabeleceu um preconceito por parte da população branca para com a classe artística do teatro, esta visão só foi alterada quando a família real muda para o país e começa a convidar companhias européias para se apresentar no país, a partir desse momento artistas negros são ignorados e afastados do teatro, surge uma hegemonia branca no teatro e tudo o que havia sido produzido antes, começa a ser ignorado.

Nos anos de 1830 quando surge uma dramaturgia brasileira pautada no Brasil escravista, personagens negros são interpretados por artistas brancos fazendo *blackface*. Era dito que atores negros não teriam a capacidade cognitiva necessária para desenvolver personagens com uma complexa camada de sentimentos, mesmo que estes sentimentos estivessem ligados a todo o sofrimento e tortura evocado pela escravidão. Assim os papéis relegados aos artistas negros eram os de fundo de cena e composição cenográfica. Eles não tinham falas ou qualquer protagonismo, em raras ocasiões serviam água, café, etc para os atores brancos em cena.

Essas relações de poder são pautadas por Ramón Grosfoguel em seu artigo *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI* (2016), ele aborda o poder adquirido por homens brancos de 5 países ocidentais (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália). Eles determinam o que pode ser considerado como fonte de conhecimento para o resto do mundo, mas é importante frisar que este poder não está mais restrito às mãos brancas dos homens destes 5 países. A sociedade se estruturou de tal maneira, que homens brancos de outras localidades adquiriram quase que o mesmo poder sufocante e aniquilante que os provenientes das 5 regiões citadas anteriormente e é assim que hoje dentro das universidades toda a construção de conhecimento se dá através dos pensamentos de homens brancos. São mais de 5 séculos construindo

um emaranhado de privilégios e realizando a manutenção estruturante da sociedade que continua a ignorar a presença de pessoas negras, de indígenas, de mulheres, de pessoas fora do espectro heteronormativo etc.

4. CONCLUSÕES

Apresentei aqui um recorte sobre Arthur Rocha e o apagamento que sofrido por ele na historiografia do teatro brasileiro, mas poderia estar falando de Benjamin de Oliveira, De Chocolat, Ubirajara e Alzira Fidalgo etc, e outros nomes negros importantes para a construção do teatro brasileiro e que são preteridos. Precisamos avançar no debate de referencialidade negra e a importância dessas figuras para a arte brasileira, o epistemicídio continua sufocando a produção de conhecimento e cultura dos negros. E um passo importante para este debate, é revisitar a historiografia e compreender quem deu início ao teatro brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

GUINSBURG, J. FARIA, J.R DE LIMA, M.A (org). **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Artigo

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas:: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016.

Tese/Dissertação/Monografia

CARNEIRO, S. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo.

GERALDES, R.R. **Teatro e escravidão: a poética abolicionista na dramaturgia de Arthur Rocha**. 2018. Dissertação (Mestrado Teoria e História Literária) - Curso de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas.

DOS SANTOS, Isabel Silveira. **Abram-se as cortinas: Representações étnico-raciais e pedagogias do palco no teatro de Arthur Rocha**. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil